

Anais do XIII
Congresso Internacional da ABRALIC
Internacionalização do Regional

08 a 12 de julho de 2013
UEPB – Campina Grande, PB

A MEMÓRIA DE MALU: AUTOBIOGRAFIA, ACERVO LITERÁRIO E AFETO

Prof. Dr. Miguel Rettenmaier (UPF)

Resumo:

*A importância de Maria Luiza Remédios como pesquisadora e divulgadora da literatura portuguesa no Brasil ampliou-se a um novo desafio nos anos 90: organizar o que viria a ser o ALJOG, Acervo Literário de Josué Guimarães. Em seu trabalho, na liderança desse acervo, Maria Luiza Remédios passou a coordenar a preservação, a organização e a classificação dos aproximadamente 8.000 itens do ALJOG, produzindo uma significativa obra sobre um autor até então pouco estudado nos grandes centros acadêmicos do Rio Grande do Sul, embora bastante lido pelo público em geral mesmo anos após sua morte. Sobre Josué Guimarães, organizou uma coletânea, Josué Guimarães: o autor e sua ficção, publicou um inédito, com notas, As muralhas de Jericó, além de escrever para vários periódicos e de orientar dissertações e teses sobre a obra do escritor gaúcho. Seu trabalho, nas referências de investigação sobre o autor de Camilo Mortágua, rumou para o estudo da autobiografia, produzindo estudos sobre o tema, em específico na obra *Literatura Confessional - Autobiografia e Ficcionalidade*, como organizadora, e no artigo “O empreendimento autobiográfico: Josué Guimarães e Erico Veríssimo”, na obra As pedras e o arco, coletânea organizada por Regina Zilberman et al. Os estudos sobre a obra de Josué Guimarães, em momento posterior de pesquisa, rumaram para o projeto de elaboração de uma biografia do autor. Tal ideia, contudo, impossibilitou-se, como um projeto inacabado. Isso não impediu, de outra parte, sua marcante participação no documentário A jornada de Josué, produzido pela UPFTV, com direção de Deisi Fanfa e roteiro de Miguel Rettenmaier. A jornada de Josué é um documentário comemorativo aos 90 anos de nascimento do escritor Josué Guimarães, associados aos 30 anos de existência das Jornadas Literárias de Passo Fundo. Josué Guimarães foi o primeiro autor a dar respaldo à ideia de se fazer um encontro entre leitores e escritores em Passo Fundo, cidade que seria, em 2006, oficialmente reconhecida como Capital Nacional da Literatura. O audiovisual costura depoimentos de escritores, pesquisadores, amigos e familiares do autor, os quais tratam de sua vida jornalística, política e literária, ressaltando também sua importância como formador de leitores. Dentre os entrevistados estão Moacyr Scliar, Lya Luft, Luis Fernando Verissimo, além de Nydia Guimarães, viúva do escritor, e de seus filhos. O documentário conta também com importantes depoimentos de Maria Luiza Remédios sobre a obra do autor e a pesquisa em acervo literário. O presente trabalho pretende associar os estudos sobre autobiografia de Maria Luiza Remédios com a biografia filmada de Josué Guimarães no referido documentário. Nesse estudo será observada a natureza dinâmica de um acervo literário quando se acionam elementos afetivos vinculados à memória das pessoas, dos entrevistados, para constituição de uma história de vida. A base teórica do trabalho consiste nos estudos de Remédios, sobre autobiografia e sobre a obra e a vida de Josué Guimarães, e de Lejeune, sobre autobiografia.*

Palavras-chave: acervo literário, Josué Guimarães, autobiografia

1 Introdução

Narrar é sempre resistir. Contra o inevitável e mesmo contra o que se pode vencer, a palavra tenta. Quando as coisas não vão bem, a palavra pode dizer não; quando a situação se torna insustentável, o que se narra pode significar resposta, réplica, oposição. E o mundo que construo em minha história, nem sempre real, melhor quando não real, pode apontar uma trilha além daquelas às quais que o olhar se restringe, sempre meio cego pela vida diária. A narrativa tem o poder de dizer o que há por trás das coisas; como uma promessa, apresenta a “la exigencia de cómo deberían ser” (MAGRIS, 2001, p. 17) .

De outra parte, narrar pode ser também tentar dar conta do que foi perdido, é fazer pela palavra um tipo de resistência vã, uma forma absurda e obstinada de opor-se ao que escapa com a mesma inevitabilidade da areia que flui pela ampulheta. Se o observador gira as âmbulas cilíndricas e refaz a volta dos grãos para outro ciclo, a ampulheta da vida não faz qualquer rotação. O tempo não gira, a mão não roda, o eixo não torna. Mas nosso desejo quer o contrário, não nos queremos perdidos pela areia, ao fim. Então narramos, como se a palavra pudesse derrubar a ampulheta por um minuto, fazer o fio fino de pedra em pó enregelar-se para que tudo possa ser compreendido, percebido, retomado, revivido. Narrar é jamais perder de vez. Ler é deixar lembrar.

Escrevi certa vez, não sei bem onde, que o leitor, em específico o literário, era um ser abatido quase sempre por uma circunstância de orfandade. De alguma forma, com um livro nas mãos, o leitor resgataria pela arte, por um texto, a presença de quem não estava lá. Isso, para mim, era uma sensação muito forte experimentada em minha juventude: quando filho único e órfão de pai, ao qual não cheguei a conhecer, tinha na solidão de meu quarto a presença de meus autores preferidos (já mortos todos). A mesma sensação de orfandade se acentuava bem mais tarde, quando, já pesquisador, me esgueirava por um acervo literário manipulando originais, anotações e objetos pessoais de Josué Guimarães. Sentia-me seguindo passos, retrilhando caminhos, recuperando o que havia sido um dia o presente que agora eu poderia vislumbrar no gesto meio vulto de velha página folheada, mas de trecho novo descoberto. Havia, contudo, outras orfandades por vir, na ampulheta silenciosa que a todos acompanha, para nossa dor, e que nos leva das pessoas que amamos.

2 Maria Luiza e a autobiografia

Maria Luiza Remédios estudou Josué Guimarães. Foi a primeira organizadora do Acervo do autor, na metade dos anos 90, em Porto Alegre, e deu ao ALJOG a referência que segue até hoje sob a

**Anais do XIII
Congresso Internacional da ABRALIC
Internacionalização do Regional**

**08 a 12 de julho de 2013
UEPB – Campina Grande, PB**

guarda da Universidade de Passo Fundo. Dentre todas as perspectivas que seguiu no estudo da obra e da vida do autor, o estudo sobre a autobiografia, no trabalho dedicado à memória do autor, talvez tenha estado dentre os mais produtivos. Em suas pesquisas, não se limitou a aplicar as bases teóricas do gênero autobiográfico a um corpus literário determinado, mas refletiu seriamente sobre o gênero, refletindo sobre seus estatutos e suas circunstâncias. Para Remédios, o gênero autobiográfico, enriquecia a própria debilitação do gênero o entrecruzamento plural que lhe seria característico:

Literatura centrada no sujeito, pois o sujeito é objeto de seu próprio discurso, denomina-se confessional ou intimista e adquire configurações diversas. Os textos que a constituem são agrupados, segundo suas semelhanças, em conjuntos diferentes, os quais dão origem a um determinado gênero de literatura íntima. O limite entre um gênero e outro é bastante tênue, assim como o entrecruzamento desses gêneros é comum (REMÉDIOS, 1997, p. 9).

Além dessa característica, Remédios interessou-se por um gênero que tem em si justamente, como elemento mobilizador e provocador, a privação pela morte. Como refere De Man, na autobiografia estaria em jogo a tentativa de restauração da vida ou de seu sentido:

En cuanto entendemos que la función retórica de la prosopopeya consiste en dar voz o rostro por medio del lenguaje, comprendemos también que de lo que estamos privados no es de vida, sino de la forma y el sentido de un mundo que solo nos es accesible a través de la vía despojadora del entendimiento. La muerte es un nombre que damos a un apuro lingüístico, y la restauración de la vida mortal por medio de la autobiografía (la prosopopeya del nombre y de la voz) despose y desfigura en la misma medida en que restaura (DE MAN, 1991, p. 113).

Nos seus estudos sobre a autobiografia, Remédios refletia, na obra de Josué Guimarães, especialmente em *As muralhas de Jericó*, sobre os movimentos complexos e mesmo contraditórios do gênero autobiográfico. E a obra do autor de *Camilo Mortágua* permitia-se como campo propício à reflexão sobre o tema. De alguma forma, em seu último grande romance, publicado em 1980, ele quase pincelaria no destino de uma personagem romanesca os traços de algumas passagens de sua vida. O projeto, porém, não fora levado adiante; Camilo Mortágua, o protagonista do livro, que quase se chamou *Um tiro no escuro*, nada teve de comum com criador. Na obra definitiva, o herói é descendente de uma linhagem rural em decadência. Seu intento, desde jovem, é solucionar a crise financeira de sua família, e o faz, com alguma eficiência, incorporando-se aos novos ramos de negócio em Porto Alegre, capital de um ainda incipiente capitalismo urbano, até o momento em que perde as diretrizes dos negócios e da própria vida afetiva. O primeiro Camilo, imaginado nos primeiros pensamentos do autor, ao contrário, era um idealista. Os esboços de Josué Guimarães, resguardados no ALJOG/UPF, mostram um combatente que participa de contendas políticas, como da Revolução de 30, e que participa de agremiações programáticas, como da Ação Integralista, em 1937. Além disso, em sua história particular toda envolvida pela história social e política, herói seria incumbido por Brizola a seguir para o Rio de

**Anais do XIII
Congresso Internacional da ABRALIC
Internacionalização do Regional**

**08 a 12 de julho de 2013
UEPB – Campina Grande, PB**

Janeiro, a fim de montar uma estação de rádio pela Legalidade, fato que realmente se deu na vida de Josué Guimarães em 1961. Tudo isso, contudo, foram ideias, palavras escritas a mão em um antigo caderno de atas. Nada disso migrou para a velha *Triumph*, embora, ao que se queira e possa imaginar, as utopias jamais tenham se exaurido por completo na mentalidade contestadora de Josué Guimarães.

A dicção de um homem que lutou por um país menos injusto já havia tentado superar o silêncio, agora em outra ordem, em outra obra, sob outra imposição circunstancial, em outro momento da história. Se, pela vontade do autor, o Camilo Mortágua, em versão final, não foi um homem político, de ações extremas e sempre corajosas em favor de um ideário social, as utopias de Josué Guimarães buscaram expressão, no período Vargas, através da obra *As muralhas de Jericó*, publicada postumamente (em 2001) por força do trabalho de Maria Luiza Remédios. O livro fora escrito em junho de 1952 e narrava uma viagem aos espaços proibidos das políticas socialistas da China e da União Soviética. No contexto de sua produção, contudo, o projeto foi arquivado a pedido da Presidência da República, o que deixou em suspenso os movimentos de um escritor que anos depois surgiria no sistema literário gaúcho, com livro de contos *Os Ladrões*:

Por que durante dezoito anos o ficcionista ficou calado? Por que não publicou essas memórias à época em que as escreveu? Sabe-se, por informações colhidas por familiares, amigos e contemporâneos do autor, que ele pretendia publicá-las, entretanto era integrante do PTB (Partido Trabalhista Brasileiro) pelo qual fora eleitor vereador em Porto Alegre em 1951, o mesmo partido que elegera o presidente Getúlio Vargas; era amigo pessoal do vice-presidente João Goulart e do próprio Getúlio Vargas e esse último, convidando-o para um jantar no Palácio do Catete no Rio de Janeiro, “aconselha-o” não publicar o livro para não perturbar a ordem estabelecida no país (REMÉDIOS, 2001, p. 14).

A noção de que um “ficcionista” ainda sem obra ficcional tivesse ficado calado se articula com dois elementos potencialmente inscritos na obra *As muralhas de Jericó* no que diz respeito à produção ficcional posterior do autor. Em primeiro lugar, em um termo tão ilustrativo quanto, possivelmente, significativo, Jericó é um nome de importância na vida literária do autor: foi com esse pseudônimo que foi premiado no II Concurso Nacional de Contos do Estado do Paraná, mais importante prêmio literário da época no Brasil, que já agraciara autores como Rubem Fonseca, Lygia Fagundes Telles e Inácio de Loyola Brandão. Em segundo lugar, em outra ordem, para a qual se necessita uma perspectiva interpretativa mais aguda, o livro, embora compromissado com o relato de uma viagem real, uma experiência vivida comprovável à luz do que se queira verdadeiro, tinha, no trabalho de linguagem do autor, as feições sempre distorcidas da autobiografia, quando sempre contaminadas, de alguma forma, pelo imaginário ficcional. Assim, mesmo sem ter feito ficção, havia na escrita de Josué Guimarães, entrelaçados, real e imaginação, história e literatura (REMÉDIOS, 2001, p. 23), no entrecruzamento característico da autobiografia como gênero esteticamente constituído. Para Lejeune, considera-se autobiografia o relato retrospectivo em prosa que uma pessoa real faz de sua própria existência, pondo ênfase em sua vida individual e na história de sua personalidade (LEJEUNE, 1991, p. 47), mas dizer

isso não equivale a assegurar completa fidedignidade ao dito. Segundo Remédios, orientada pelos próprios trabalhos de Lejeune, nem sempre a afirmação de identidade é indicador seguro de autenticidade, nem sempre a subtitulação da obra como “autobiografia” ou “romance” é fiável, nem sempre a autobiografia “é reconstituição verídica de uma vida ou verdadeira história de uma personalidade” (REMÉDIOS, 1997, p. 13). Por outro lado, a inexistência de autenticidade com relação à representação do que se queira como real, do que se espere como verdadeiro, não exclui o gênero de campo do conhecimento. Invocando o título da obra *As pedras e o arco*, cuja organização, entre outros pesquisadores, é de Remédios, sob outra conjunção me arisco a dizer que a linguagem é a curva do arco que sustenta as pedras da ponte, da mesma forma como se sustenta como arco pela dureza das pedras. No que se refere à autobiografia, linguagem e subjetividade são conceitos complexos que tonificam a profundidade de suas questões quando rearticulados conjuntamente de forma a não mais poderem prescindir um do outro. O sujeito não “é” sem a existência da linguagem, que, reciprocamente, depende da subjetividade:

Se a identidade do sujeito se revela na escrita, o gênero autobiográfico deve, pois, ser marcado pela emergência do sujeito identificado enquanto sujeito no mundo. Visto dessa forma, implica três aspectos: o sujeito atento a si mesmo; a consciência que tem de si mesmo; o desvelar dessa consciência. Assim, o autor da história de vida, que é o primeiro leitor, narrador e personagem, não é dado no princípio, mas emerge na narrativa a partir do voltar-se sobre si mesmo e do despertar da consciência. O homem configura-se na e pela narrativa, funcionando ao mesmo tempo como orientador e juiz de si e de suas ações (REMÉDIOS, 2004, p. 329).

Nesse sentido, a autobiografia de Josué Guimarães, em *As Muralhas de Jericó* é um movimento subjetivo revestido de posicionamentos políticos. O texto se desenvolve a partir do relato de viagens, mas é mais do que isso: é o posicionar-se de um eu frente o mundo, no redesenho que se faz de um espaço pela ótica sinceramente parcial de quem vê: *As Muralhas* é a descrição facciosa de um espaço tanto proibido quanto mítico, um espaço em que a esperança e a ficção contaminam-se mutuamente. Assim, deixa de ser a descrição objetiva de um espaço trilhado no passado para envolver-se no engendramento de um território com feições futuras de utopia, em conformidade com as tendências ideológicas do autor, fortalecidas, na época, a década de 50, pelas convicções de um escritor jovem – algo que parece ter-se arrefecido na maturidade, quando uma vida articulada à política, nos primeiros esboços de um Camilo Mortágua mobilizado por doutrinas e posições assumidas, não prosperou além do debuxo em um caderno de atas. Fossilizado mesmo antes de nascer, o primeiro herói foi substituído por um Camilo sem esperanças maiores e sem projetos transformadores. O longínquo resquício de um texto confessional, em *Camilo Mortágua*, o romance, se dá no andamento cronológico do que poderia ser um diário, mas por aí termina qualquer insinuação a uma autobiografia. E esse desafio perseguiu a quem se dedicava, a partir de 2009, a fazer um audiovisual sobre a vida e a obra de Josué Guimarães: traçar a vida que não quis ou não pode deixar sua vida em traço algum.

3 O documentário, a memória de Josué e a lembrança de Maria Luiza Remédios

O projeto *A jornada de Josué* foi estabelecido em uma dupla de datas importantes: os 30 anos das Jornadas Literárias de Passo Fundo e os 90 anos de Josué Guimarães. Fora o autor quem em 1981 respaldara a ideia da Prof. Tania Rösing de um encontro entre autores e leitores na cidade de Passo Fundo. Tal encontro, contudo, teria um diferencial: a leitura prévia das obras dos escritores convidados. Pela ação de Josué, assim, por sua influência, foram trazidos à cidade, distante 300 quilômetros de Porto Alegre, em um tempo de estradas precárias, primeiramente os principais nomes da produção literária gaúcha, como Mario Quintana e Moacyr Scliar, na 1ª Jornada de Literatura Sul-Rio-Grandense. Dois anos depois, em 1983, na 1ª Jornada Nacional de Literatura, compareceram os maiores representantes da literatura brasileira de então, entre eles Antonio Calado, Millôr Fernandes, Otto Lara Resende, Fernando Sabino e Orígenes Lessa.

A jornada de Josué, dirigido e editado por Deisi Fanfa, tem duração de 90 minutos e é feito pela edição de entrevistas sem a voz de um narrador. Foram entrevistados seus familiares, a viúva, Nydia Guimarães e a filha, Adriana, bem como os filhos do primeiro casamento do autor, Marília, Elaine e Jaime. Foram também entrevistados autores que conhecerem ou mesmo conviveram como Josué: Moacyr Scliar, em uma de suas últimas entrevistas em vídeo, Ignácio de Loyola Brandão, Joel Rufino dos Santos, Luis Fernando Verissimo, Sergio Capparelli e Lya Luft, além do ilustrador Edgar Vasques. Participaram estudiosos e críticos, como Regina Zilberman, Maria da Glória Bordini e Sergius Gonzaga. No documentário se registraram as falas dos editores de Josué Guimarães, Paulo Lima e Ivan Pinheiro Machado e da coordenadora das Jornadas Literárias de Passo Fundo, Tania Rösing. Sobre o jornalista Josué Guimarães, Gervásio Neves, que trabalhou com o autor no jornal *Clarim Sete Dias*, foi entrevistado, além de serem entrevistados autores jovens como Marcelo Canellas, Altair Teixeira Martins e Monique Revillion, vencedores do Concurso Nacional de Contos Josué Guimarães, promovido pela Universidade de Passo Fundo, pela Prefeitura Municipal de Passo Fundo, pelo Instituto Estadual do Livro e pela Secretaria da Cultura do Estado do Rio Grande do Sul. As entrevistas, em muitas partes, a fim de contextualizar as falas, foram “cobertas” com imagens de itens resguardados no ALJOG/UPF, como objetos pessoais, livros e publicações diversas, com vídeos de gravações feitas pela UPFTV, com cenas do documentário *Jango*, de Silvio Tendler, com cenas de uma produção do Grupo RBS baseada na obra de Josué Guimarães, *A ferro e fogo*. Foram também utilizadas fotografias pertencentes aos arquivos das Jornadas de Literatura de Passo Fundo, à Nydia Guimarães e à família do autor, além de a outros acervos.

Ao fim do trabalho, produzido o documentário, surgiram outros frutos. A fazedura de *A jornada de Josué*, audiovisual que, de início, buscava resgatar um homem e sua obra acabou, por força do destino, por resguardar outras pessoas e outras memória. Depois de tudo feito a equipe aprendia que não fizera apenas um documentário sobre um homem, mas sobre um “eu” junto a outros tantos outros “eus” importantes. Josué deixara-se retratar finalmente, mas, para isso, fez obrigatório que não se perdessem outras lembranças, que não se esquecessem de outras memórias. Em 2009 começávamos a série de entrevistas na casa de quem deveria ser a primeira a falar: o início do projeto entrevistava

**Anais do XIII
Congresso Internacional da ABRALIC
Internacionalização do Regional**

**08 a 12 de julho de 2013
UEPB – Campina Grande, PB**

Maria Luiza Remédios, a primeira organizadora do ALJOG. Abríamos os trabalhos, e nem sabíamos o quanto, depois de tudo pronto, aquelas imagens seriam marcantes. Tempos depois, depois que ampulheta silenciosa fizera correr o fio leve de suas areias, descobríamos nas imagens a janela de lembrar, para nunca mais perder, as faces de Nydia Guimarães, de Moacyr Scliar e de Maria Luiza Remédios. Maria da Glória Bordini, sobre Malu, escreveu:

Da sua carreira, do que Maria Luíza mais se orgulhava não era de sua produtividade ou do prestígio que angariara entre seus pares brasileiros ou estrangeiros. Era de sua atividade de educadora, que exercera, desde o ensino médio até os pós-doutorados, uma atividade que, como ela mesma repetia, sempre desenvolvera por amor e não por interesse. Ela não vacilava em usar a palavra amor e de impregnar suas relações pessoais e profissionais de legítimo afeto e cuidado. Amava lecionar, orientar e pesquisar. Amava sua família, seus amigos, seus colegas e seus alunos, a quem dedicava atenções maternas, não só instruindo-os e defendendo-os, mas também os encaminhando na vida pessoal e profissional. Sua prole intelectual deve a ela a continuidade dessa bela vida dedicada à leitura, ao estudo e à formação de bons cidadãos. Para seus amigos e conhecidos, fica a exemplaridade de um ser humano íntegro, resiliente, compassivo, capaz de compreensão e perdão, mas aguerrido, persistente e apaixonado por uma profissão hoje tão desvalorizada. (BORNINI, 2012, p. 14).

O amor por sua família, por seus amigos, por seus alunos e por seu trabalho talvez seja o mesmo amor sobre o qual ela falava quando se referia a Josué Guimarães – narrar, mais do que resistir e sonhar, talvez seja um ato de amor:

Falar em Josué Guimarães hoje pra mim é falar de boa literatura, de espírito de justiça que ele tinha, e de amor pelo que ele fazia, amor pela literatura e amor pela Nydia. Nos romances a gente sempre encontra que existe amor no mundo e que por isso é importante viver nesse mundo. (REMÉDIOS, In: A JORNADA DE JOSUÉ, 2011)

Referências bibliográficas

A JORNADA DE JOSUÉ. Direção: Deisi Fanfa. Produção: Jornada de Literatura; UPFTV, ALJOG/UPF. Música: Gerson Werlang. Passo Fundo (RS): UPF, 2011.DVD (90 min)

BORDINI, Maria da Glória. Uma professora exemplar. *Letras*, Santa Maria, v. 22, n. 45, p. 9-14, jul./dez. 2012.

**Anais do XIII
Congresso Internacional da ABRALIC
Internacionalização do Regional**

**08 a 12 de julho de 2013
UEPB – Campina Grande, PB**

- DE MAN, Paul. La autobiografía como desfiguración. In: *Suplementos Anthropos*. Barcelona: Anthropos, n.29, dez. 1991.
- EAKIN, Paul John. Autoinvención en la autobiografía: en momento del lenguaje. In: *Suplementos Anthropos*. Barcelona: Anthropos, n.29, dez. 1991.
- GONZAGA, Sergio. A vitória do realismo. In: *Josué Guimarães*. Escrever é um ato de amor. Autores Gaúchos. Porto Alegre: IEL, 2006.
- LEJEUNE, Philippe. El pacto autobiográfico. *Anthropos*. La autobiografia y sus problemas teóricos. Estudios e investigação documental, Barcelona, n. 29, dez. 1991.
- _____. Auto-Genesis: Genet studies of autobiographical texts. In: DEPPMAN, Jed et al. Genetic criticism. *Texts and avant-textes*. University of Pennsylvania Press. 2004.
- MAGRIS, Claudio. *Utopia y desencanto*. Barcelona: Anagrama, 2001.
- REMÉDIOS, Maria Luiza. Literatura confessional: espaço autobiográfico. In: REMÉDIOS, Maria Luiza (org.) *Literatura confessional*. Autobiografia e ficcionalidade. Porto Alegre: Mercado Aberto: 1997.
- _____. *O empreendimento autobiográfico*. Josué Guimarães e Erico Verissimo. In ZILBERMAN, Regina et al. As pedras e o arco. Fontes primárias, teoria e história da literatura. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2004.
- REMÉDIOS, Maria Luiza. Um livro de memórias: o romancista Josué Guimarães se apresenta. In: GUIMARÃES, Josué. *As muralhas de Jericó*. Porto Alegre,: IEL; L&PM 2001.
- RETTENMAIER, Miguel; REMÉDIOS, Maria Luiza. Josué Guimarães, um revisor da história. *Desenredo*. Passo Fundo, v. 2. n.1, p. 117-126, jan./jun. 2006.